

PARA ALÉM DA VIDA QUOTIDIANA. AMOR E SEXUALIDADE EM CONTEXTO TURÍSTICO: RESULTADOS PRELIMINARES DE UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO ALGARVE (PORTUGAL)ⁱ

João Filipe Marques*

Milene Lança**

Resumo

Este artigo explora a ideia segundo a qual o conceito de liminaridade, concretamente de «situações liminóides», pode igualmente ser utilizado para analisar e explicar os comportamentos e atitudes românticas e sexuais não comerciais e de caráter não exploratório que ocorrem em contexto turístico. Em sentido lato, o problema da investigação que aqui se apresenta foi: quais são os padrões de comportamento romântico e sexual no contexto da viagem de férias de «sol e praia» na Europa? Tratou-se de estudar os padrões comportamentais, as atitudes face à sexualidade e as expressões da intimidade num contexto turístico da contemporaneidade, tendo como pano de fundo uma região europeia (hiper) turística: o Algarve. A investigação recorreu a um inquérito por questionário realizado a uma amostra (estratificada por país de residência) composta por 1015 turistas que visitaram a região do Algarve (Portugal) nos verões de 2014 e 2015. Apresentam-se aqui os resultados, numa análise descritiva e impressionista, de uma pesquisa ainda em curso cujos objetivos foram, precisamente, produzir evidências empíricas - mas também construir contributos teóricos - em torno da articulação entre o turismo e a sexualidade humana, assumidamente fora do paradigma do «turismo sexual», conclui-se que existe, por um lado, uma relação forte entre as férias na Europa e a disponibilidade para os envolvimento românticos confirmando; por outro lado, o potencial erótico e sexual do contexto turístico, mesmo no interior da sexualidade conjugal.

Palavras-chave: Turismo. Liminaridade. Situação Liminóide. Amor e Sexo. Algarve.

BEYOND EVERYDAY LIFE. LOVE AND SEXUALITY DURING TOURISM: PRELIMINARY RESULTS OF AN EXPLORATORY RESEARCH IN THE ALGARVE (PORTUGAL)

Abstract

This article explores the idea according to which the concept of liminality, concretely "liminoid situations", can be used to analyse and explain the behaviours and attitudes towards romance and non-commercial/no-exploratory sexual relationships occurring in tourism context. In a broad sense, the research problem was: which are the patterns of romantic and sexual behaviour in 'sun and beach' destination? We intended to study behavioural patterns, the attitudes towards sexuality and expressions of intimacy in a contemporary (hyper) tourist setting: the Algarve southern (Portugal). The data were collected using a questionnaire in a sample (stratified by country of residence) of 1015 tourists visiting the Algarve in the summers of 2014 and 2015. The results are preliminary, in a descriptive and impressionistic analysis of an ongoing whose goals were precisely to produce empirical and theoretical evidence about the relationship between tourism and human sexuality, out of the "sex tourism" paradigm. The findings show, on the one hand, the relationship between the holidays and the availability for romance and sex and, on the other hand, a strong erotic and sexual potential of the tourism destination, even for married tourists.

Key words: Tourism. Liminality. Liminoid situation. Love and Sex. Algarve.

ADEMÁS DE LA VIDA DIARIA. AMOR Y SEXUALIDAD EN EL CONTEXTO TURÍSTICO: RESULTADOS PRELIMINARES DE UNA INVESTIGACIÓN EXPLORATORIA EN ALGARVE (PORTUGAL)

Resumen

En este artículo se explora la idea según la cual el concepto de liminalidad, concretamente "situaciones liminóides", suele ser utilizado para analizar y explicar las conductas románticas y sexuales no comerciales que se producen en contexto turístico. En un sentido amplio, el problema de la investigación que aquí se presenta fue: ¿cuáles son las normas de comportamiento romántico y sexual en contexto viaje de vacaciones de 'sol y playa'? La intención fue de estudiar las normas de comportamiento, las actitudes hacia la sexualidad y las expresiones de intimidad en un contexto (hyper) turístico contemporáneo: el Algarve (al sur de Portugal). La investigación utilizó una encuesta con una muestra (estratificada por país de residencia) de 1015 turistas que visitaron el Algarve en los veranos de 2014 y 2015. Los resultados son preliminares, de un análisis descriptivo e impresionista de una investigación aún en curso, cuyos objetivos eran producir evidencias empíricas y teóricas en torno a la relación entre el turismo y la sexualidad humana, fuera del paradigma del "turismo sexual". Se concluye que existe, por una parte, una fuerte relación entre las vacaciones y la disponibilidad para el romance y, por otra parte, un potencial erótico y sexual del destino turístico, incluso dentro de la sexualidad conyugal.

Palabras clave: Turismo. Liminaridade. Situación Liminóide. Amor y Sexo. Algarve.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional

ⁱLicenciado e Mestre em Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa e Doutor em Sociologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris. É Professor Auxiliar na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve e investigador do Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações. É atualmente o Diretor do Mestrado em Sociologia daquela instituição e membro da Direção do Doutoramento Interuniversitário em Sociologia: «OpenSoc». Tem publicado nas áreas da Sociologia do Racismo, das Relações Interétnicas e da Etnicidade e entre os seus interesses científicos atuais incluem-se os fenómenos das Mobilidades, do Lazer e do Turismo. [jfmarq@ualg.pt]

^{**}Licenciada e Mestre em Sociologia pela Universidade do Algarve (Portugal). Atualmente é doutoranda em Turismo na Faculdade de Economia desta Universidade, bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia e investigadora do Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações (CIEO). A sua dissertação de doutoramento aborda a relação entre a sexualidade e o turismo, sendo estas as suas principais áreas de interesse científico. [mlanca@ualg.pt]

1 PARA ALÉM DO «TURISMO SEXUAL»: UMA OUTRA ARTICULAÇÃO TEÓRICA E CONCEPTUAL ENTRE ROMANCE, SEXUALIDADE E TURISMO

A expressão *sea, sun and sex* é frequentemente utilizada para referir três das grandes motivações para o turismo de massas. Se as duas primeiras vertentes têm sido sobejamente estudadas e não se traduzem em grandes problemas éticos ou epistemológicos, o mesmo não se passa com a terceira: os comportamentos românticos e sexuais em contexto de viagem turística (MARQUES, 2016).

A articulação entre a viagem, o romance e a sexualidade humana parece não ter sido objeto do mesmo interesse científico que tem sido dado a outras atitudes e comportamentos em contexto turístico. Contudo, é necessário operar a distinção entre a viagem turística motivada pelo sexo «comercial» - o chamado «turismo sexual» - do amor, do romance e do sexo que possa (eventualmente) acontecer enquanto as pessoas viajam.

Em sentido lato, o nosso problema de investigação¹ foi o seguinte: Quais são os padrões de comportamento romântico e sexual no contexto da viagem turística? Este problema de partida levou à formulação de um conjunto mais vasto de perguntas, como por exemplo: Como se processa o «encontro» amoroso/sexual em contexto de férias?

Gravitando em torno deste ponto, uma série de questões secundárias foram levantadas: Quais são os padrões de sedução? E como se distribuem por género, por país de origem? Em que medida a expectativa de encontro de um parceiro amoroso/sexual constitui a motivação principal para viajar para um destino de férias europeu? De que forma essa motivação, a existir, se manifesta segundo o género e a orientação sexual? Em que medida as práticas de sedução e de sexualidade em férias são diferentes das que são praticadas «em casa»? De que forma homens e mulheres representam e praticam diferencialmente a sexualidade no contexto das férias? A sexualidade praticada em contexto turístico envolve comportamentos de «risco» nomeadamente na

propagação de Infecções Sexualmente Transmissíveis? Em que consistem esses comportamentos?

Embora a maior parte das pesquisas das Ciências Sociais acerca do fenómeno turístico assumam que existe uma forte componente romântica, erótica e mesmo sexual, quer no conjunto das motivações para a viagem turística, quer como parte da própria viagem, há um aspeto em que praticamente todos os analistas da relação entre o turismo, o romance e a sexualidade estão de acordo: é de que esta relação tem sido não apenas sub-investigada como é claramente sub-teorizada.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na teorização em torno da articulação entre a experiência turística e a sexualidade humana, a maior parte da literatura que tem sido produzida e publicada consiste na análise (e na denúncia) do conjunto de práticas turísticas que têm como principal motivação a atividade sexual no local de destino, tendo esta um carácter comercial (COHEN, 1982, 1988; HALL, 1992; OPPERMANN, 1999, SANCHEZ-TAYLOR, 2006; TRUONG, 1990).

Tem sido colocado uma ênfase tão forte nesta área que a expressão *turismo sexual* é virtualmente usada como sinónimo do «turismo sexual comercial» (MCKERCHER; BAUER, 2003, p.4) e é por isso que, embora esta posição não esteja isenta de críticas (cf. OPPERMANN, 1999), daqui em diante designaremos essa constelação de investigações e essa perspetiva analítica como o *paradigma do turismo sexual*.

Com efeito, a sexualidade em contexto turístico tem constituído um objeto de estudo quase exclusivamente na medida em que é mercantilizada, praticada com recurso à prostituição, implicando um certo grau de marginalidade, como fator de risco na propagação de infeções sexualmente transmissíveis ou incorporando um conjunto de práticas atentatórias à dignidade humana: como a exploração o tráfico de seres humanos ou a pedofilia.

Uma grande parte desses estudos têm, precisamente, como objetos empíricos as situações de troca de serviços sexuais, de prostituição com adultos e de prostituição infantil observadas em regiões em desenvolvimento - nomeadamente, em alguns países do Sudeste asiático, da América do Sul, das Caraíbas e, mais recentemente, da África (De ALBUQUERQUE, 1998; CARTER; CLIFT, 2000; PISCITELLI, 2007; SANCHEZ-TAYLOR, 2001).

¹ Este artigo apresenta os resultados preliminares do projeto de investigação intitulado: *Beyond everyday life. Sex and intimacy during tourism in a 'non exotic' destination. An Exploratory study in the Algarve* levado a cabo no Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações da Universidade do Algarve. A pesquisa mencionada pretendeu estudar a articulação entre turismo, romance e sexualidade- Nomeadamente os padrões comportamentais da sedução, as expressões da intimidade e as atitudes face ao sexo «não comercial» em contexto de viagem turística num destino europeu: o Algarve.

Tratam-se de regiões nas quais se observam, não apenas significativas desigualdades de género, como enormes assimetrias socioeconómicas entre visitantes e visitados e, por isso, um grande diferencial de poder nas relações entre clientes e prestadores de serviços sexuais. Viajantes de países «ricos» tiram partido dos privilégios conferidos pela articulação entre nacionalidade, classe social e raça para consumirem sexo, permeado pelas fantasias racializadas do exotismo.

A divulgação das investigações que têm vindo a ser produzidas no interior do paradigma do turismo sexual, constitui, por isso e também, um conjunto de importantes denúncias às situações de exploração das pessoas que se dedicam ao comércio sexual, ao tráfico de seres humanos e às violações dos direitos humanos, em particular, dos direitos das mulheres e das crianças.

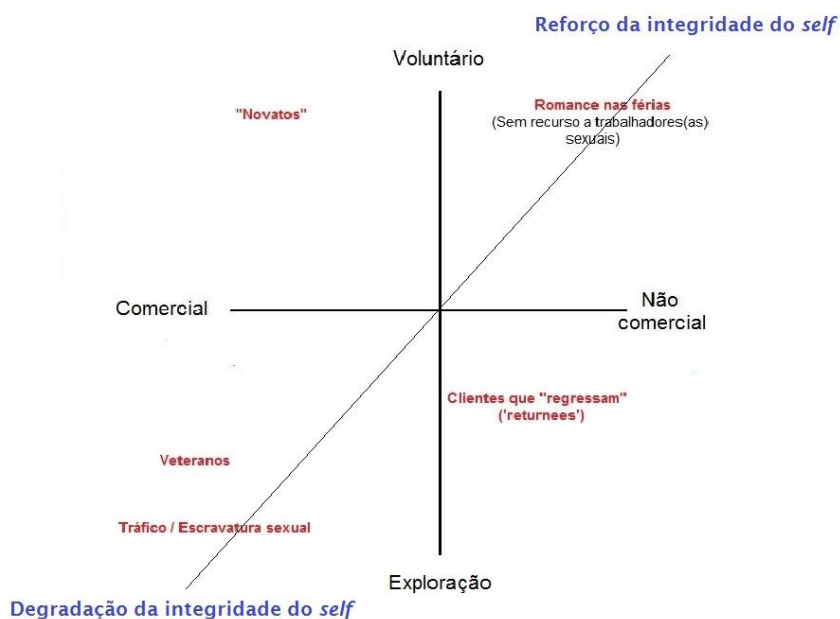
Em todo o caso, é preciso que se afirme desde logo que nem todas as relações sexuais que se praticam em contexto turístico envolvem as características negativas, de exploração, tráfico ou «perversão» (JEFFREYS, 2003; MCKERCHER; BAUER, 2003; RYAN; HALL, 2001). A análise séria da articulação entre turismo e sexualidade implica, antes de mais, uma perspetiva mais nuanceada e não dicotómica da realidade. Apresentam-se em seguida dois dos primeiros modelos que, embora

ainda situados no interior do *paradigma do turismo sexual*, procuraram conferir inteligibilidade a esta relação sem cair nas malhas da denúncia.

Naquele que é dos primeiros modelos de análise sobre a articulação entre turismo e sexo, o de Chris Ryan e Michael Hall (2001), os autores defendem que esta relação se pode observar através das seguintes três dicotomias que funcionam, quer na perspetiva do turista sexual, quer na d(o) trabalhador(a) sexual: 1) a relação é voluntária ou possui um carácter de exploração; 2) é comercial ou não comercial; 3) melhora ou degrada a integridade pessoal (*self-integrity*) dos intervenientes (RYAN; HALL, 2001).

Estas dicotomias podem ser graficamente representadas através de um diagrama (cf. Figura 1) no qual um dos eixos representa o grau de voluntarismo ou de exploração envolvido e o outro, o nível de mercantilização da relação; ou seja por um lado, existe um continuum que vai da participação voluntária por parte dos(as) trabalhadores(as) sexuais até ao extremo que é o da exploração total (*sex slavery*) e, por outro lado, podem observar-se os mais diversos graus de «mercantilização» dessa relação: desde a existência de «menus» e listas de preços dos diversos serviços prestados, passando pela troca de presentes, à relação puramente «não comercial».

Figura 1. Tipologia dos encontros no «Turismo Sexual», segundo Ryan e Hall.



Fonte: Adaptado de Ryan e Hall (2001, p.62 - tradução própria).

Este mapeamento permite verificar que os diversos tipos de relações no contexto do «turismo sexual» não são rígidos, mas sim fluídos e polimórficos. O eixo da integridade pessoal vai das relações gratificantes que confirmam a integridade dos intervenientes até às relações negativas que, como a escravatura sexual, contribuem para degradar a integridade do *self* dos atores sociais.

De notar que, para estes autores, uma situação em que um indivíduo (do sexo masculino ou feminino) tenha vários parceiros sexuais durante as férias (p. ex. uma situação de «predação sexual»), pode assumir contornos de maior «exploração» e de degradação do *self* do que algumas situações que envolvem trabalhadores sexuais: não só não há lugar a pagamento, como pode haver o sentimento, por parte do parceiro, de ter sido usado; pode inclusive estar envolvida a utilização de álcool ou drogas (RYAN; HALL, 2001, p. 62)

Uma primeira abordagem da literatura acerca das relações entre o turismo e a sexualidade permite que se assuma, desde já, que a articulação entre estes fenómenos pode ser observada em dois planos: por um lado, a distinção entre sexo comercial e não comercial (OPPERMANN, 1999; RYAN, 2000), ainda que essa distinção possa, na realidade vivida, ser bastante fluída.

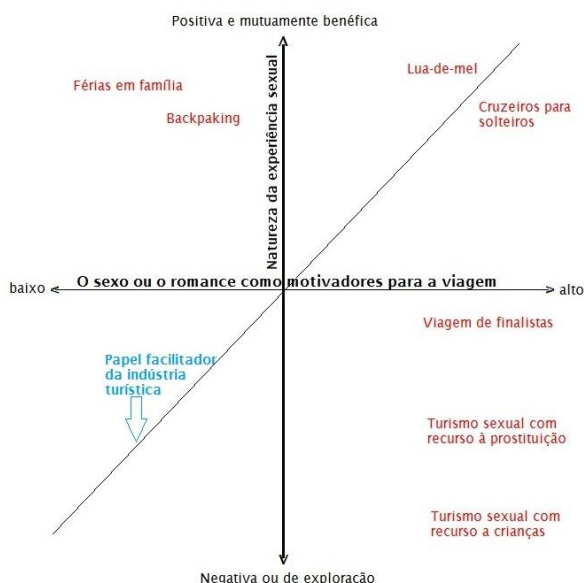
Por outro lado, é possível postular que as experiências turísticas dos seres humanos podem

desempenhar contemporaneamente um papel central no romance, no amor e nas relações sexuais (MCKERCHER; BAUER, 2003).

Fica claro igualmente que um romance durante as férias que envolva uma relação sexual entre duas pessoas, em que nenhuma delas é um trabalhador sexual, é um exemplo claro de uma interação voluntária não-comercial que confere integridade ao *self* e que, portanto, fica de fora do paradigma do «turismo sexual» (CARR; PORIA, 2010; JEFFREYS, 2003; MCKERCHER; BAUER, 2003; RYAN; HALL, 2001). E é precisamente nesse espaço, como veremos mais adiante, que se inscreve a investigação que aqui se propõe.

Alguns anos mais tarde, Bob McKercher e Thomas Bauer (2003) propuseram um outro quadro conceptual acerca do «nexo entre sexo e turismo» (cf. Figura 2) que, embora integre algumas dimensões do modelo de Ryan e Hall (2001), o desenvolve noutros sentidos. Com efeito, segundo McKercher e Bauer (2003), a relação entre o turismo e a sexualidade pode ser conceptualizada a partir de três dimensões: 1) o papel que o sexo – e a busca do romance como precursor de uma eventual relação sexual – desempenham na motivação para a viagem; 2) a natureza dos encontros 3) o papel que é desempenhado pela indústria turística enquanto facilitadora dos encontros românticos e sexuais.

Figura 2. A relação entre turismo e sexualidade, segundo Bauer e McKercher.



Fonte: Adaptado de Bauer e McKercher (2003, p.6 - tradução própria).

Neste modelo, a motivação romântica ou sexual da viagem de férias pode ser observada num *continuum* entre os dois extremos: desde «a busca de sexo como o único motivo da viagem» até ao facto de um sexo não desempenhar nenhum papel na motivação para viajar.

Efetivamente, para algumas pessoas a escolha dos destinos de férias depende apenas da busca de sexo ou romance, quer se trate de uma viagem para ter sexo com recurso a trabalhadores sexuais ou um cruzeiro para solteiros. Para outras, a perspetiva de virem a ter um romance ou de se envolverem numa relação sexual não tem qualquer importância na escolha do destino. Para a maior parte, provavelmente, como lembram os autores, o sexo, o amor e o romance como motivação a viagem turística, situam-se algures entre estes dois extremos.

O sexo pode ser esperado como um dos resultados de viagem (como nos fins de semana românticos entre casais) ou pode ser antecipado ou desejado como um dos resultados (como nas viagens de finalistas dos estudantes do Ensino Secundário ou Universitário). Pode constituir apenas uma aspiração de um viajante solitário que pretende encontrar alguém para um futuro compromisso (como nas viagens de cruzeiro para solteiros).

Também pode ser um acontecimento accidental, não planeado. É provável contudo que, para a maior parte das pessoas, especialmente casais ou famílias em férias, o sexo seja um acontecimento que emerge na continuação da sua vida sexual quotidiana, apesar de poder ganhar em intensidade e assumir contornos especiais dadas as próprias características da experiência turística.

Da mesma forma, a «natureza» da relação de cariz sexual pode ser perspectivada numa linha contínua na qual um extremo representa as experiências positivas, recompensadoras e satisfatórias para ambos os participantes e o outro extremo as experiências negativas e prejudiciais para um ou para todos os intervenientes.

Como vimos, a grande maioria da literatura sobre turismo e sexo tem tendência para focar o carácter desigualitário e de exploração dos encontros entre os turistas e os seus eventuais parceiros sexuais. Existe uma abundante literatura sobre o tráfico de mulheres e crianças para prostituição, sobre a exploração das trabalhadoras sexuais, sobre os crimes sexuais (COHEN, 1982, 1988; HALL, 1992; MONTGOMERY, 2008; OPPERMANN, 1998; RAO, 1999; RYAN; KINDER, 1996; TRUONG, 1990) e sobre a disseminação de infeções sexualmente transmissíveis em virtude dos contactos sexuais entre turistas e autóctones (AGRUSA, 2003; BELLIS ET

AL., 2008; BENOTSCH ET AL., 2007; COHEN, 1988; LEUNG, 2003; MEMISH; OSOBA, 2005).

Não há dúvidas de que muitas atividades associadas ao sexo comercial em contexto turístico têm características negativas, traumáticas ou de exploração, mas o recurso à prostituição ou a outras formas de sexo comercial representam apenas uma pequena parte da atividade sexual que se desenrola no contexto da viagem (OPPERMANN, 1999; RYAN, 2000). Quando pensamos na globalidade das relações românticas, eróticas ou sexuais que acontecem em contexto turístico, muitas, senão mesmo a maior parte, são positivas e gratificantes para ambos os intervenientes (JEFFREYS, 2003; MCKERCHER; BAUER, 2003; RYAN; HALL, 2001).

A terceira dimensão do modelo de McKercher e Bauer consiste no papel que a indústria desempenha como facilitador das relações sexuais, do amor e do romance. O papel da indústria turística como facilitador do sexo e do romance também pode ser perspectivado como um *continuum* que vai do fornecimento do cenário (*setting*) ao fornecimento de infraestruturas específicas como o alojamento, os clubes noturnos ou os bordéis.

O modelo tem igualmente em conta os diversos papéis que os membros da indústria turística desempenham nos encontros sexuais dos turistas. A indústria atua em diversos graus e de diversos modos como facilitador dos encontros sexuais ou românticos aos seus clientes: desde colocar os clientes face a face numa qualquer excursão ou passeio, até à organização de «viagens sexuais» (*sex tours*), especificamente para destinos de prostituição. A indústria turística pode desempenhar igualmente um papel indireto através da própria natureza da experiência turística enquanto rutura com a vida quotidiana que induz, como veremos mais adiante, estados liminares propiciadores das experiências sexuais (MCKERCHER; BAUER, 2003, pp.4-6).

Como reação às investigações empíricas e reflexões políticas acerca das relações entre sexualidade e turismo, nomeadamente as que versam sobre o turismo sexual com recurso à prostituição, que vinham a ser realizadas sobretudo na Ásia do Sudeste e na Oceânia, surgiu, na década de noventa, um outro conceito para dar conta de um certo tipo de articulação entre o turismo e a sexualidade humana: o conceito de «turismo de romance» (*romance tourism*). Esta expressão foi cunhada por Pruitt e LaFont, num estudo publicado em 1995 sobre as relações entre as turistas americanas e os homens autóctones na Jamaica, precisamente para substituir a expressão «turismo sexual» (PRUITT; LAFONT, 1995).

Baseadas nas suas observações, estas autoras defendiam que, quer as turistas quer os locais com quem estas se envolviam, viam os seus relacionamentos mais focados na relação romântica e na corte, do que propriamente na relação sexual e no dinheiro. Nesta perspetiva, o conteúdo do conceito de «turismo de romance» alude mais ao *flirt*, à fantasia, às atividades de namoro que ocorrem entre homens locais e turistas do sexo feminino e às relações que, muitas vezes, têm uma duração maior do que apenas um caso passageiro e puramente comercial, tal como o conceito de «turismo sexual» parecia encerrar (HEROLD; GARCIA; DEMOYA, 2001).

Parte da fantasia que o conceito de «turismo de romance» envolve é realizada através da disjunção idealizada dessas relações «românticas» e da «verdadeira» prostituição. Durante as interações com as turistas, os locais não solicitam explicitamente quantidades específicas de dinheiro, antes insinuam a necessidade de uma «retribuição» através, por exemplo, da descrição das suas situações económicas desfavoráveis, na expectativa de que as mulheres respondam generosamente. Deborah Pruitt e Suzanne LaFont afirmam mesmo que, ao contrário do turismo sexual que perpetua a dominação masculina, o turismo de romance possui um potencial emancipatório pois desafia os papéis sexuais e as desigualdades de género que lhes estão associados (PRUITT; LAFONT, 1995).

Mais tarde, outros autores chegaram a aprofundar o eufemismo de Pruitt e LaFont ao descreverem os *beach boys* que se envolvem com as turistas ocidentais como «empresários do romance» (*entrepreneurs in romance*) (DAHLES & BRAS, 1999; JEFFREYS, 2003; WEICHSELBAUMER, 2012), porque os homens envolvidos são, em geral, agentes adultos e livres, por oposição às mulheres, adolescentes e crianças que, na Tailândia e noutras partes do mundo, são

vítimas das estruturas da dominação masculina, da exploração sexual ou do tráfico de seres humanos.

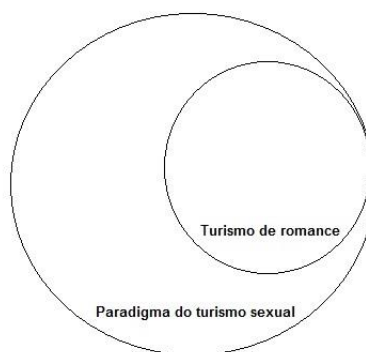
Em resumo, enquanto o «turismo sexual» seria praticado pelos homens ocidentais que viajam para países em desenvolvimento em busca de relações sexuais puramente comerciais, a expressão «turismo de romance» ficaria reservada às mulheres, ocidentais também, que viajam à procura de «amor», de relações afetivas, carinhosas, românticas e, se for caso disso, sexuais.

Salta à vista que esta distinção entre *turismo sexual* e *turismo de romance* se baseia numa naturalização das características de género, em concreto, numa perceção ainda hoje muito difundida pelo senso comum segundo a qual as mulheres procuram ligações afetivas e emocionais, isto é, procuram o amor, enquanto os homens procuram as relações físicas e eróticas, ou seja, procuram sexo.

Ora a ideia segundo a qual o «turismo de romance», por ser praticado por mulheres, deve ser teoricamente tratado de forma aparte do «turismo sexual masculino», para além de sexista (DAVIDSON, 1998; DE ALBUQUERQUE, 1998), é empiricamente falsa.

Vários trabalhos têm vindo a demonstrar que, por um lado, muitas mulheres viajam com o propósito de ter relações sexuais comerciais *tout court* (SANCHEZ-TAYLOR, 2000, 2001) e, por outro lado, muitos homens viajam na expectativa de se envolverem numa relação «romântica», onde a afetividade pontua sobre o sexo, mesmo a troco de uma prestação pecuniária (RYAN; KINDER, 1996; SACRAMENTO; RIBEIRO, 2007). Muitos desses homens acabam, inclusive, por casar ou por encetar relações duradouras com as parceiras que encontraram numa relação inicialmente comercial (PISCITELLI, 2008; SACRAMENTO, 2014).

Figura 3. Articulação entre «turismo de romance» e «turismo sexual».



Fonte: Elaboração própria.

Na perspetiva aqui adotada, é preciso ter em conta que o tal «turismo de romance» é praticado, quer por homens quer por mulheres e que esta forma de articulação entre turismo e sexualidade se integra claramente no paradigma do «turismo sexual» e deve ser tratado com recurso ao mesmo quadro de análise (cf. Figura 3 – pg. anterior).

Apesar da ênfase da literatura e da investigação no paradigma do «turismo sexual» ter ajudado a dar visibilidade a questões legítimas, a comercialização, explícita ou implícita, representa apenas uma pequena parte das relações sexuais humanas que têm lugar em contexto turístico (OPPERMANN, 1999; RYAN, 2000).

Mais ainda, a obsessão com o «turismo sexual» conduziu à emergência de duas impressões falsas sobre a natureza das relações entre sexo, romance e turismo. A primeira é a de que só os turistas é que se envolvem em sexo pago nos destinos. Na realidade, na maior parte dos casos, o «turismo sexual» cresceu onde preexistia uma indústria de sexo comercial que servia os residentes (MCKERCHER; BAUER, 2003).

Como continuam os mesmos autores, o «turismo sexual» não existiria sem uma subcultura da comercialização das relações sexuais. Da mesma maneira não haveria «turismo sexual» com crianças se não existisse previamente um comércio sexual com crianças (MCKERCHER; BAUER, 2003; MONTGOMERY, 2008; RAO, 2003).

A segunda conceção falsa é a de que apenas os «turistas sexuais» (aqueles que decidiram deliberadamente ter sexo com uma pessoa desconhecida no local de destino a troco de uma compensação pecuniária ou de outro tipo) é que têm relações sexuais quando viajam.

De facto – e como veremos mais adiante através dos resultados da nossa própria pesquisa – a grande maioria das pessoas que se envolve em atividades sexuais quando viaja fá-lo, ou com o seu parceiro habitual, ou com um novo parceiro numa relação que, embora possa ser curta, é consensual e não pecuniária (MCKERCHER; BAUER, 2003).

Por outras palavras, a articulação entre o turismo e o comportamento sexual humano estende-se bastante para além dos limites estreitos do «turismo sexual» e, precisamente por isso, outros autores tem vindo a propor a substituição desse conceito, pela ideia mais abrangente de «sexualidade durante o lazer e o turismo» (*sex and the sexual during tourism experiences*) (CARR; PORIA, 2010).

Não apenas o turismo aparece na literatura como um facilitador, quer das práticas eróticas e sexuais, quer das relações amorosas ou românticas, como os próprios operadores turísticos exploram esse potencial de romance, erotismo e aventura sexual que

toda a viagem parece encerrar (DAVIDSON, 1996; MCKERCHER; BAUER, 2003; STERNBERG, 1997). O turismo constitui um facilitador dos envolvimentos românticos e eventualmente sexuais por diversos motivos: fornece o local, fornece o contexto, fornece o cenário, facilita os encontros, mas fundamentalmente, pelas características de *liminaridade* que as experiências turísticas envolvem (LETT, 1983; MCKERCHER; BAUER, 2003; RYAN; HALL, 2001).

2.2 Para além da vida quotidiana: turismo e liminaridade

A reflexão sociológica sobre o turismo é relativamente unânime na utilização do conceito de liminaridade (do latim *limen*, limiar) e este é hoje um dos seus conceitos centrais. Na esteira do pensamento de Arnold van Gennep (1960 [1909]) sobre a estrutura dos *ritos de passagem* e da distinção durkheimiana entre *sagrado* e *profano*, o antropólogo Victor Turner defendeu que, no seu dia-a-dia, as pessoas vivem numa estrutura social, económica e política que, em grande medida, constrange e determina a sua vida. Mas periodicamente, em todas as sociedades, mesmo nas sociedades modernas, os indivíduos, os grupos e até coletividades inteiras envolvem-se em variadas formas de celebração: os ritos de passagem. Isto é, movem-se entre estados normais, estruturados, mundanos e a sua dissolução em situações extraordinárias, «anti-estruturais» (TURNER, 1974a, 1974b).

Esses tempos, por seu turno, evoluem para situações de reintegração estrutural na forma de uma nova situação social ou de um novo estatuto pessoal. Por outras palavras, há ocasiões em que os indivíduos são levados e até obrigados a sair da estrutura «normal» em que vivem o seu quotidiano e a integrar uma outra.

Este processo de expulsão de uma estrutura e de reintegração numa outra é composto por três etapas: 1 – a separação, propriamente dita, que pode ser social e simbólica ou espacial; 2- a entrada num momento durante o qual o indivíduo, tendo saído do passado ainda não entrou no futuro; 3 – a reintegração, noutra estrutura ou noutra categoria social. O que isto implica é a marginalidade temporal de quando se sai de uma estrutura e se entra noutra. Por um breve período, não se está *nem numa nem noutra*. É esse estado intermediário que se designa por estado *liminar*.

A liminaridade constitui uma situação social «anormal» que não está diretamente relacionada com as atividades e processos económicos e políticos

básicos da existência quotidiana (TURNER, 1974b). Turner cunhou o termo *liminóide* precisamente para designar as práticas típicas das sociedades modernas, que mantêm certas características de liminaridade mas às quais faltam as dimensões puramente rituais, sagradas e de participação compulsiva.

Ou seja, muitas atividades lúdicas e festivas típicas das sociedades modernas e industriais continuam a manter certas características associadas à liminaridade ritual «primitiva», por isso, Turner distingue as «situações liminares lúdicas» (*ludergic liminal situations*) típicas das sociedades tradicionais ou mesmo tribais, daquilo que designa por «situações liminóides érgicas» (*ergic liminoid situations*) típicas das sociedades modernas (TURNER, 1974b).

Duas das características mais importantes da condição de liminaridade (dos estados liminares e liminóides) são, por um lado, a produção de um sentimento de «comunhão» entre os participantes, o aparecimento de ligações espontâneas, diretas, íntimas que os indivíduos experimentam nestas ocasiões e que Turner (1974b) designou por *communitas* e, por outro lado, o enorme investimento no corpo, na «corporeidade» e nos sentidos:

The "liminality" (van Gennep) in ritual or in the more secular popular festivals includes dancing and singing, eroticism and orgy, intoxication and ecstasy and lack of restraint in general (feasting, drinking, debauchery) – in other words the manifestation of human corporeality in which

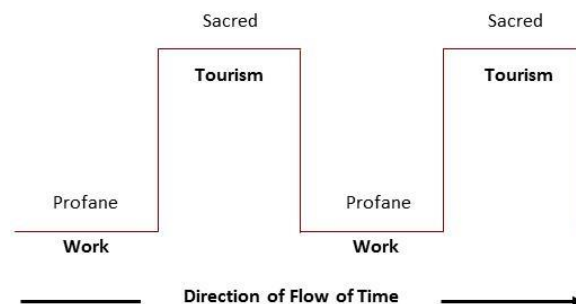
sensuality and pleasure play a leading part. The articulating of corporeality is a major part of the dual cultural dynamics in which the profane or every day order is momentarily laid aside and replaced by a sacred or festive order (FALK, 1994 *apud*. SELÄNNIEMI, 2003: 26).

Ora segundo variados autores (JAFARI, 1987; GRABURN, 1989; SELÄNNIEMI, 2003; RYAN; HALL, 2001), o turismo envolve as mesmas três etapas do processo ritual. O ato de viajar representa um processo simbólico dotado de uma estrutura comparável à do processo ritual, através do qual o viajante/turista sai dos locais que lhe são familiares (momento de separação) para um destino (espaço-tempo liminar), regressando posteriormente ao local de origem (reintegração).

Este espaço-tempo consiste numa espécie de vazio, uma suspensão das estruturas (ou de vigência da anti-estrutura), que fornece aos viajantes as oportunidades para fazerem aquilo que habitualmente não fariam ou nem sequer conseguiriam fazer na sua vida quotidiana devido aos constrangimentos sociais que sobre si pesam.

Jafari (1987) elaborou um esquema no qual representa precisamente a distinção entre o mundo «profano» do trabalho e o mundo «sagrado» do turismo (*sacred journey*). Este último simboliza uma espécie de paraíso na terra, ao qual só ascendem os verdadeiros eleitos (cf. Figura 4).

Figura 4. "The ordinary – nonordinary structure".



Fonte: Jafari (1987).

As características liminóides da viagem turística e das atividades propriamente turísticas passam efetivamente pelo distanciamento das preocupações com a rotina do trabalho e das tarefas domésticas, por um intenso sentimento de liberdade e de possibilidade de transgressão que se traduz num consumo inabitual de alimentos, de álcool ou de drogas e também por um intenso sentimento de comunhão com os seres

humanos que partilham a mesma situação (a que Turner chamava de *communitas*). Como escreveu Urry,

(...) in much tourism, everyday obligations are suspended or inverted. There is a license for permissive and playful 'non-serious' behavior and the encouragement of a relatively unconstrained 'communitas' or social togetherness (URRY, 2002, p.92).

Ulla Wagner estendeu e adaptou o trabalho de Turner ao aplicar os seus conceitos de «estrutura» e de *communitas* ao turismo (WAGNER, 1977). A autora argumenta que durante as férias não existe, ou tem uma existência limitada, o tempo estruturado (o tempo fora das férias). O tempo deixa de ter a sua característica de fluxo contínuo. Durante as férias, o tempo torna-se desestruturado ou anti-estruturado, deixando os indivíduos fazer o que quiserem, quando quiserem. O período de férias é um corte no fluxo temporal, é um estado «sem tempo» que se distingue do tempo fora das férias:

Time becomes free and unstructured to be disposed of at will, and the tourist is released from being the slave of time, hounded by the hours minutes, and even seconds, to become the master of time, which can now be structured at his own volition (WAGNER, 1977, p. 42).

Wagner (1977) intuiu que os turistas baseiam as suas interações numa partilha de uma temporalidade própria, vivendo num estado sem estrutura. As interações sociais durante o período de férias são frequentemente também anti-estruturais. Quando estão de férias, os indivíduos tendem a abandonar os seus modos primários de interação social, através do *status*, adotando espontaneamente um estado de *communitas*.

Se a viagem turística pode ser compreendida como uma transição para outro estado do Ser - que Turner (1974b) chamaria um estado liminóide - e que, por isso, possui algumas características dos ritos de passagem, podemos assumir, a partir de Selänniemi (2003), que os sentidos são estimulados de forma mais intensa do que na vida quotidiana e que os turistas se tornam mais sensíveis e mais alerta para a sensorialidade e para a sexualidade porque atravessam essa transição.

Como continua o mesmo autor, a viagem turística pode ser interpretada como uma quadrupla transição / transgressão: como uma transição *espacial* de casa para outro local, uma jornada através do espaço; como uma transição *temporal* para longe da vida quotidiana, do trabalho, de casa, da rotina, do relógio etc., para um lugar sem tempo (*timelessness*); estas transições espaço-temporais produzem a transição *mental*: a transição mental consiste na transgressão das nossas fronteiras de casa e do trabalho, do espaço-tempo quotidianos para o espaço-tempo liminóide (fora do espaço e do tempo - *placelessness* e *timelessness*) onde o *self* pode ganhar características que o autocontrolo e o controlo social mantinham escondido durante o quotidiano.

Por último, a viagem turística constitui uma transição *sensorial* e *sensual*. A viagem turística, com as suas características de rito de passagem, estimula os nossos sentidos, ao mesmo tempo que nos torna mais alerta para esses estímulos.

Consequentemente, a transição/transgressão espaço-temporal de casa e da vida quotidiana para o destino turístico, modifica o nosso estado psicológico, a ordem social, mas também o nosso estado corporal ou o modo como percebemos e experienciamos o que nos envolve (SELÄNNIEMI, 2003: 27). Como escreve Selänniemi,

Understanding tourism from this perspective, as a transition/transgression of both personal and social boundaries, which on one hand liberates the tourist from certain norms and on the other hand accentuates the awareness of senses may help us in understanding the multifaceted and complicated relation between tourism, romance, and sex (SELÄNNIEMI, 2003, p. 27).

Com efeito, a viagem de férias constitui um espaço-tempo em que parece possível a realização das fantasias e desejos que são negados aos atores sociais durante o decorrer do quotidiano (FRANKLIN, 2003).

Essas situações, associadas a um relaxamento do controlo social – uma vez que o ator social se move numa estrutura social que não é a sua – autorizam comportamentos de transgressão ou, pelo menos, comportamentos que aquele não teria no seu contexto social «normal» (REDMON, 2003; BROWN, 2009; WICKENS, 1997).

A experiência turística é, assim, uma experiência liminóide no sentido em que se desenrola num espaço-tempo completamente distinto do espaço-tempo do quotidiano da produção e do trabalho (WAGNER, 1977); um espaço-tempo diferente e efêmero por natureza, que implica uma atitude mental e sensorial completamente diferentes das da vida quotidiana. E esta é outra das características que o turismo partilha com o amor, a paixão e o «erotismo».

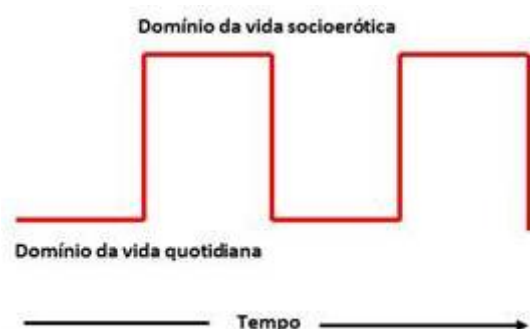
2.3 Viagem turística e «realidade socioerótica»: uma homologia estrutural?

Por não quereremos entrar na discussão fortemente intelectualizada durante a década de setenta do século vinte acerca das definições do conceito de erotismo e das delimitações do fenómeno, socorremo-nos de um dos ensaios de referência sobre este tema: o texto de Sasha Weitman intitulado, a partir de uma citação durkheimiana: *As formas elementares da vida socioerótica* (WEITMAN, 1998).

Para este autor, existe um domínio distinto separado e diferente, a que ele chama a realidade socioerótica, que providencia um conjunto de oportunidades de escape à vida quotidiana.

Para além de ser diferente e separada, a realidade socioerótica é também extraordinária. Segundo Weitman, tudo é experienciado de uma forma mais profunda, mais intensa, mais sentimental e, obviamente mais sensorial do que na vida quotidiana. Em suma, é uma realidade na qual as pessoas não só experienciam como têm experiências limite (*peak experiences*), (cf. Figura 5).

Figura 5. A estrutura da vida “sócioerótica”.



Fonte: Elaboração própria.

Este domínio rege-se por uma lógica própria, com regras e normas que dão origem e mantêm práticas (ritos socioeróticos) e experiências (emoções socioeróticas) distintivas, as quais implicam o corpo, giram em torno do prazer e consistem em diversos e variados ritos. São estas práticas e as experiências que provocam que, segundo este autor, constituem os laços que unem as pessoas umas às outras (WEITMAN, 1998: 9).

A implicação mais importante da participação na realidade socioerótica é que, ao regressarem às suas vidas quotidianas, os participantes podem reter memórias duradouras de uma realidade diferente, extraordinária, na qual se sentiram mais vivos, mais sensíveis aos acontecimentos e ao ambiente, mais excitados por estes do que nas suas vidas quotidianas.

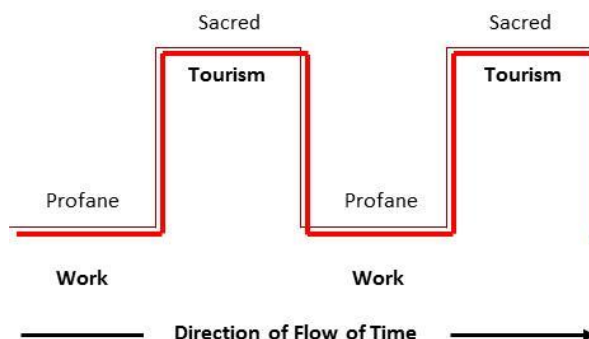
Segundo Weitman, a «primeira lei que governa a vida socioerótica é a lei do corpo» (idem: 76); a centralidade e supremacia do corpo, o corpo próprio e o do outro. Na vida quotidiana, o *self* é constituído por vários componentes e disposições (papéis, status, etc.). Contudo, quando se muda (*shifts*) para a vida socioerótica, o *self* liberta-se da maior parte desses componentes e disposições e torna-se cada vez mais centrado no corpo, coexistente com este e, em

particular com as suas zonas eroticamente carregadas. Como continua Weitman,

To sum up: ideal-typically erotic reality is a reality in which everything conspires to provide lovers with pleasure, nothing but pleasure and always more pleasure, literally until they can take it or give it no more. Having partaken of this reality, they can return to everyday life filled with alluring (though largely ineffable and quick fading) memories of having had a taste not only of a world free from the frustrations, irritations, setbacks, humiliations, apprehensions, torments and other major and minor miseries of everyday life, but also of a comucopia-like world overflowing with polymorphous joys and pleasures – i.e. a taste of paradise on earth if there ever was one (WEITMAN, 1998: 79).

Ora não podemos deixar de observar aqui uma nítida homologia estrutural entre as experiências turísticas e o domínio socioerótico de que fala Weitman. Ambos constituem saídas da vida quotidiana da produção, do trabalho e da alienação, para espaços-tempo de grande sentimento de partilha, comunhão, sensorialidade e corporeidade (cf. Figura 6).

Figura 6. Homologia estrutural entre a vida «sócioerótica» e a experiência turística.



Fonte: Elaborado a partir de Jafari (1987) e Weitman (1998).

Esta homologia estrutural constitui uma parte integrante do modelo de análise da pesquisa cujos resultados preliminares aqui apresentamos.

3 PROBLEMAS DE INVESTIGAÇÃO E METODOLOGIA UTILIZADA

Na sequência de outras pesquisas desenvolvidas pelos autores (LANÇA; MARQUES; VALLE, 2014; LANÇA, 2012), a investigação cujos resultados ainda preliminares aqui se apresentam, pretendeu fundamentalmente produzir evidências empíricas - mas também construir contributos

teóricos - em torno da articulação entre o turismo e a sexualidade humana, assumidamente fora do paradigma do «turismo sexual».

Tratou-se de estudar os padrões comportamentais, as atitudes face à sexualidade e as expressões da intimidade num contexto turístico da contemporaneidade, tendo como pano de fundo uma região europeia (hiper) turística: o Algarve. Em sentido lato, o nosso problema de investigação é o seguinte: *quais são os padrões de comportamento romântico e sexual no contexto da viagem de férias de «sol e praia»?*

Este problema implicou todo um conjunto de questões mais específicas: Qual é o sentido das práticas românticas sexuais em contexto turístico para os seus intervenientes? Existem diferenças consoante o género? Em que medida a expectativa de encontro de um parceiro amoroso/sexual constitui a motivação principal para viajar para um destino de *sea, sun and sand* como o Algarve? Em que medida as práticas de sedução, mas também as da sexualidade em férias são diferentes das que são praticadas «em casa»? Homens e mulheres em férias «transgridem» as normas com a efetiva perceção dessa transgressão? Se for este o caso, ter-se-á tornado a própria transgressão em contexto de férias numa prática normativa que atualiza de forma interessante a própria teorização acerca da liminaridade do turismo? Parece igualmente fazer sentido perguntar se a sexualidade praticada em contexto turístico envolve comportamentos de «risco» nomeadamente na propagação de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)? E em que consistem esses comportamentos?

Se a investigação científica acerca das experiências turísticas não parece colocar problemas metodológicos mais complexos do que a maior parte dos objetos da Sociologia ou da Antropologia, o mesmo não se pode dizer da investigação acerca da sexualidade humana (FISHER et al., 2011; WIEDERMAN; WHITLEY, 2002).

Como todas as pesquisas científicas em torno das práticas sexuais e atitudes perante o sexo, a investigação aqui em causa assumiu, à partida, que o seu objeto é particularmente sensível no que diz respeito às questões metodológicas e de recolha da informação (WEIS, 2002). Os seres humanos são socializados no sentido de associarem a sexualidade à vida íntima e à esfera privada. Tornar públicos estes aspetos da vida, mesmo que ao abrigo do princípio da confidencialidade de quem interroga e ouve, é sempre mais difícil do que em qualquer outra área do comportamento.

Para tal, recorrendo à literatura sobre as práticas românticas e sexuais em contexto turístico, foi

construído um instrumento específico para esta investigação: um inquérito por questionário, implementado durante os meses de Verão de 2014 e de 2015, em diversas praias da região do Algarve, em concreto: Albufeira, Armação de Pêra, Castro Marim (Praia Verde), Faro, Ilha de Tavira, Lagoa, Lagos, Manta Rota, Quarteira, Quinta do Lago, Portimão, Vale do Lobo e Vilamoura.

O questionário, com 36 questões e com versões em quatro línguas (Espanhol, Francês, Inglês e Português) foi administrado nas praias por uma equipa de jovens com formação universitária em Ciências Sociais (Sociologia e Psicologia) a uma amostra (não aleatória) de turistas, estratificada por país de residência, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística sobre os hóspedes no Algarve (INE, 2013. Dados relativos a 2012).

Os inquiridos foram estimulados a responder ao inquérito mediante a oferta simbólica de um «chupa-chupa», procedimento que se revelou fulcral na adesão dos respondentes e na consequente obtenção de respostas válidas. O questionário foi de preenchimento autónomo e de resposta completamente anonimizada, sendo que o respondente o devolvia ao inquiridor em envelope fechado. Foram distribuídos cerca de 1200 questionários, mas apenas 1015 estavam completos (com uma taxa de não resposta igual ou inferior a 10%) e foram validados.

4 RESULTADOS PRELIMINARES

Em primeiro lugar impõem-se uma breve apresentação de algumas características sociográficas dos turistas que responderam ao inquérito: 34,9% residem em Portugal, 23,7% no Reino Unido, 8,7%, em Espanha, 6,5%, na Alemanha, 6,4% na Holanda, 4,7% na Irlanda e 15,1% noutros países. 52,2% dos respondentes pertencem ao género feminino e a idade varia entre os 18 (idade mínima para poder responder ao inquérito) e os 73 anos, sendo que a idade média corresponde a 34,6 anos. A maioria (55,9%) é casada ou vive em união de facto, sendo 39,9% solteiros. 41,6% possuem habilitações literárias ao nível do ensino superior e 34,3% ao nível do secundário. 68,6%, encontram-se empregados (sendo muitos também estudantes - 20,2%); e auferem rendimentos familiares mensais que oscilam entre os 751€ e os 2.000€ (24,4%) ou entre os 2.001€ e os 3.500€ (19,9%).

Em segundo lugar, uma análise ainda algo impressionista e descritiva dos dados obtidos permite, desde já, constatar que existe uma forte relação entre

as férias e os envolvimento românticos e os sentimentos amorosos; isto, quer no que diz respeito a novos envolvimento, quer no que toca ao fortalecimento de relações já existentes.

A maioria dos inquiridos concorda com afirmações como «as férias são propícias ao enamoramento» (68,7% das mulheres e 68% dos homens; $p = 0,567$), «as férias são propícias ao desenvolvimento de um relacionamento amoroso» (61,3% das mulheres e 64,7 % dos homens; $p = 0,384$), «as férias fazem bem às relações» (87,9 % das mulheres e 84,1% dos homens; $p = 0,033$) e «as férias contribuem para fortalecer as relações entre os membros de um casal» (82,6% das mulheres e 84,9% dos homens; $p = 0,957$). 71,0% dos inquiridos de ambos os sexos assume explicitamente que «nestas férias quer fortalecer os laços amorosos com o esposo(a) ou companheiro(a)».

Quanto aos fatores que contribuem para que isso aconteça, uma grande maioria (80,2% das mulheres e 84,5% dos homens; $p = 0,466$), assume que «o calor, o sol e o mar estimulam o desejo e a paixão». Todavia, curiosamente, apenas 43,0% das mulheres inquiridas confessa «já se ter apaixonado durante as férias», enquanto isso já terá acontecido a 54,4% dos homens ($p = 0,001$).

No que toca ao imaginário erótico, os posicionamentos também se dividem por géneros: para 67,6% dos homens inquiridos «as férias são propícias à realização de fantasias amorosas e sexuais», mas são-no apenas para 54,2 % das mulheres ($p = 0,000$). Com efeito, em muitos casos as respostas dadas mostram alguma discrepância de opiniões tendo em conta a pertença de género.²

Em seguida é possível destacar que, para além do assumido potencial romântico das férias, os inquiridos não deixaram de apontar o seu potencial erótico e sexual; mesmo no que diz respeito à sexualidade que ocorre no domínio da conjugalidade. Efetivamente, para 84,0% dos homens e mulheres inquiridos «as férias são momentos ideais para

estimular as relações sexuais com o parceiro habitual». E em férias, o tempo disponível parece desempenhar aqui um papel importante: 64,7% das mulheres e 73,2% dos homens concorda que «durante as férias tem mais tempo livre para se dedicar ao amor e ao sexo» ($p = 0,017$).

Mas as férias são também vividas como momentos ideais e idealizados para encontrar um (ou mais) parceiro(s) sexual(ais), sem que isso venha a envolver um compromisso futuro. E aqui, a clivagem entre géneros aparece muito mais acentuada. Com efeito, para 54,2 % dos homens «as férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso», mas isso acontece para apenas 32,3 % das inquiridas ($p = 0,000$). Do mesmo modo, embora 49,5% dos homens defenda que «as férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos(as)», só 25,3% das mulheres concorda com essa afirmação ($p = 0,000$).

Relativamente à possibilidade de ocorrer uma relação extraconjugal durante as férias, as opiniões também se dividem: 40,0% dos homens e 23,6% das mulheres acredita que «as férias são propícias à infidelidade conjugal» ($p = 0,000$). No mesmo sentido, são sobretudo os homens que admitem que «em férias, estão dispostos a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual» (36,3%), enquanto apenas 9,6% das mulheres se revê neste comportamento ($p = 0,000$). Os homens revelam-se, por isso, mais adeptos e predispostos a experimentar uma sexualidade diferente daquela que praticam no quotidiano, ao afirmarem que «em férias, estão dispostos a envolver-se em práticas sexuais menos «convencionais» (42,7%), sendo que apenas 19,2% das mulheres inquiridas admite essas práticas ($p = 0,000$).

Os veraneantes apontam sem hesitação para as características da indústria turística da região, nomeadamente os bares das praias do Algarve e a sua «vida noturna» como fatores facilitadores dos encontros românticos e sexuais.

Com efeito, um pouco mais de metade dos inquiridos (55,0%) considera que «os bares de praia facilitam os encontros amorosos», mas para um número mais significativo de turistas (69,7% dos homens e 62,8% das mulheres; $p = 0,056$) «a animação noturna facilita os encontros amorosos». Da mesma forma, 64,9% dos homens e 53,0% das mulheres consideram que a «vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual» ($p = 0,001$). Como nos diz a maioria dos homens (70,3%) e mulheres (66,0%) «é nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais» ($p = 0,357$).

A literatura tem vindo a apontar uma outra característica interessante da articulação entre as

² Para o efeito, socorremo-nos do teste de independência do Qui-Quadrado, o qual analisa a associação entre duas variáveis qualitativas. Neste caso, avaliou-se a associação entre a opinião dos inquiridos sobre determinados aspetos (a importância e o papel das férias; e a opinião sobre o romance, o amor, a paixão e a sexualidade durante as férias - cujas respostas se situam no "discordo" ou no "concordo") e a variável nominal género. Pretende-se saber se há associação das respostas com os grupos "masculino" e "feminino". As hipóteses do teste χ^2 são: H_0 : As variáveis são independentes, isto é, não há associação das respostas com o género; H_a : As variáveis não são independentes, isto é, há associação das respostas com o género. Para um erro do tipo I associado ao teste, se $p \leq 0,05$ rejeita-se a H_0 e aceita-se a H_a , isto é, admite-se a existência de diferenças estatisticamente significativas nas respostas de acordo com o género.

relações amorosas e/ou sexuais e o contexto turístico, a qual se pode designar por «compressão do tempo».

Também os turistas de visita ao Algarve (77,9% dos homens e 71,1% das mulheres; $p = 0,070$) estão de acordo com as ideias segundo as quais «nas relações estabelecidas durante as férias, tudo acontece de forma mais rápida» e que «em férias as relações fazem-se e desfazem-se mais depressa» (63,3% dos homens e 55,7% das mulheres; $p = 0,022$). Com efeito, como defendia Wagner (1977), o espaço-tempo da viagem turística - que é efêmero e distinto daquele em que se vive no quotidiano - implica uma atitude mental e sensorial também diferente da da vida quotidiana.

Mesmo tratando-se de um destino europeu de «sol e praia», os resultados desta investigação mostram claramente as características liminóides da viagem turística, bem como a sua influência nos comportamentos românticos e sexuais: 64,1% dos homens e 60,0% das mulheres afirmam que as férias os fazem «sentir-se mais desinibidos(as) e fazem o que não fariam no dia-a-dia» ($p = 0,186$), enquanto para 83,7% dos homens e 78,5% das mulheres da nossa amostra «as férias são propícias a comportamentos fora do habitual» ($p = 0,029$).

Todavia, o potencial de «transgressão» destas situações liminóides parece não ser totalmente explorado - pelo menos pela maioria dos turistas de férias no Algarve: não deixando de ser percentagens significativas, apenas 27,4% dos homens e 19,4% das mulheres se revê na afirmação «em férias tudo é permitido» ($p = 0,004$).

No que diz respeito aos comportamentos de consumo associados à liminaridade, 59,8% dos homens e 48,5% das mulheres confessam que «em férias cometem mais excessos» ($p = 0,001$) e 63,5% dos homens e 56,4% das mulheres dizem que «em férias consomem mais álcool do que habitualmente» ($p = 0,033$).

A liminaridade em contexto turístico aparece frequentemente ligada à vivência daquilo que Turner (1974b) designava por *communitas*: um sentimento de comunhão ou de partilha da mesma condição dos outros turistas. Com efeito, cerca de 80,0% dos inquiridos de ambos os sexos afirma que «as férias são momentos ideais para fazer novos amigos». Ainda neste registo, e embora as respostas não atinjam números tão elevados, 20,2% das mulheres e 29,9% dos homens concordam com a afirmação «em férias costumo confiar mais nas outras pessoas» ($p = 0,000$).

Ainda que provisórios, estes resultados permitem desde logo perceber que o papel do romance e da sexualidade em contexto turístico transcendem largamente os fenómenos de

mercantilização, marginalidade e exploração que tem vindo a ser analisados e descritos no interior do paradigma do «turismo sexual».

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros românticos e as relações sexuais «não comerciais» em contexto turístico não constituem uma exceção, quer no quadro das práticas dos turistas, quer no quadro das motivações para viajar. Mas apesar da aparente riqueza e diversidade do tema do sexo, da sexualidade e do amor nas experiências de lazer e de turismo, é possível afirmar que só recentemente a relação entre estas duas áreas do comportamento humano começou a ser objeto de investigação científica (CARR; PORIA, 2010).

A investigação cujos primeiros passos aqui se apresentam, procura precisamente contribuir para ir colmatando essa lacuna e essa constitui uma das suas principais originalidades. Para além de ser uma pesquisa inédita em Portugal (e ao que sabemos, na Europa), outro dos aspetos originais desta investigação é o facto de ter cruzado tradições teóricas que habitualmente não convivem.

Em concreto, trata-se da mobilização dos acervos da Sociologia do Corpo e da Sexualidade, da Sociologia do Género e da Sociologia do Turismo mas também da Sociologia da Saúde na produção de um quadro de referência teórico e conceptual de análise da relação contemporânea entre a viagem turística e a sexualidade humana.

Ainda que provisórios, estes resultados permitem, desde logo, perceber que o papel do romance e da sexualidade em contexto turístico transcende largamente os fenómenos de mercantilização, marginalidade e exploração que têm vindo a ser analisados e descritos no interior do paradigma do «turismo sexual».

Em primeiro lugar, os resultados indicam que existe, por um lado, uma relação forte entre as férias na Europa e a disponibilidade para os envolvimento românticos e confirmam, por outro lado, o potencial erótico e sexual do contexto turístico, mesmo no interior da sexualidade conjugal.

Demonstra-se, assim, a relação entre as férias e o imaginário erótico e sexual, principalmente no domínio da conjugalidade, embora as férias possam também ser vividas como o momento ideal para encontrar um ou mais parceiros sexuais. Em muitos casos, as opiniões divergem de acordo com o género dos respondentes, principalmente nas questões sobre a sexualidade: os homens são os

principais adeptos de experiências sexuais diferentes das praticadas no quotidiano, revelando também uma maior propensão para a diversificação de parceiros.

Com efeito, é uma evidência desta investigação que, na maior parte dos casos, a atividade romântica e sexual com o parceiro habitual é uma componente significativa das experiências turísticas num destino europeu como o Algarve. Neste tipo de férias, como a teoria vem apontando, o tempo disponível, o investimento no corpo e na corporeidade, mas também a influência do ambiente - a praia, o sol e o mar - parecem desempenhar um papel não negligenciável nas relações entre amantes.

Estamos muito longe, portanto, dos discursos de exploração ou de «mercantilização» da sexualidade ou do «romance» que povoam as investigações realizadas no interior do paradigma do «turismo sexual». Estamos também longe das denúncias mais ou menos feministas à hegemonia e opressão masculinas que produz a degradação do self das(os) trabalhadoras(es) sexuais.

Pelo contrário, as experiências amorosas e (eventualmente) sexuais que se desenrolam neste contexto turístico parecem ser reciprocamente gratificantes e, para utilizar uma expressão de Ryan e Hall (2001), contribuem inequivocamente para reforçar a integridade do *self* dos intervenientes.

A componente empírica desta pesquisa vem também confirmar a já conhecida natureza liminóide da experiência turística na sua relação com o amor e com a sexualidade. A «suspensão das estruturas», o afrouxamento do controlo social e o sentimento de liberdade relativamente aos constrangimentos do quotidiano parecem desempenhar um papel fundamental na explicação dos comportamentos românticos e sexuais mesmo fora – e sublinhamo-lo – do paradigma do «turismo sexual».

Os turistas de férias no Algarve, mesmo os que viajam com o seu cônjuge, confirmam o enunciado de Selänniemi (2003), segundo o qual o turismo constitui uma transgressão que implica uma transição para um espaço-tempo que torna os viajantes mais despertados para a sensorialidade e para a sexualidade, permitindo-lhes entrar mais facilmente naquele domínio do real que Weitman designou por «realidade socioerótica» (1998). Uma realidade também ela fora do espaço e fora do tempo (*placelessness* e *timelessness*).

Mas a possibilidade de uma aventura romântica e/ou sexual com um parceiro ocasional, sem que isso venha a acarretar um compromisso futuro, faz igualmente parte da idealização das férias de sol e praia. Processo que parece fazer parte,

maioritariamente, senão das práticas, pelo menos do imaginário masculino.

Efetivamente, as respostas às nossas questões evidenciam também a subsistência de uma nítida diferença de atitudes de homens e mulheres face às questões que lhes foram colocadas ($p \leq 0,05$). Apesar da intensa mudança social neste domínio que caracteriza as sociedades de modernidade avançada, as diferenças de género continuam a ser as variáveis preponderantes nas atitudes face ao amor e à sexualidade.

É claro que se tratou aqui apenas de apresentar uma primeira análise, parcelar e assumidamente impressionista, de alguns dos resultados obtidos. Impõe-se em seguida um trabalho mais detalhado, com recurso a outros instrumentos estatísticos, que leve em conta não apenas a variável género, mas também a idade, a orientação sexual, a nacionalidade, o rendimento do agregado familiar, entre outras, que o instrumento contempla.

Por último, esta pesquisa veio confirmar algo que a literatura também tem vindo a apontar: o facto de a indústria turística, com os seus operadores, animadores e equipamentos – hotéis, bares, discotecas, etc. - serem facilitadores inequívocos dos encontros românticos e das relações sexuais (veja-se, por exemplo, Littlewood, 2001) e de, por esse motivo, os próprios operadores turísticos explorarem o potencial de romance, erotismo e aventura sexual que toda a viagem parece encerrar.

É ainda necessário sublinhar que, para além do inegável interesse científico – ao nível empírico e teórico - que possui para as Ciências Sociais em geral, e para a Sociologia do Turismo em particular, esta pesquisa procurou também a produção de informação e de conhecimentos passíveis de aplicação no âmbito das políticas públicas, nomeadamente no campo da saúde sexual e reprodutiva e, eventualmente, no que diz respeito à imagem que o Algarve quer transmitir enquanto destino turístico.

Quaisquer políticas sérias e consistentes de combate às infeções sexualmente transmissíveis (ISTs) têm obrigatoriamente de se basear num conhecimento sustentado acerca das práticas que estão na base dos comportamentos a combater. Mas também nos parece imprescindível conhecer as representações que os visitantes constroem e reproduzem acerca da própria região enquanto destino, nomeadamente no que diz respeito às práticas eróticas e sexuais, no sentido de promover políticas que reforcem ou, se se justificar, modifiquem essa imagem.

REFERÊNCIAS

- AGRUSA, J. AIDS and tourism: a deadly combination. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 167-177). New York: The Haworth Hospitality Press, 2003.
- BAUER, T. & McKercher, B. (Eds.) *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust*. New York: The Haworth Hospitality Press, 2003.
- BELLIS, M., HUGHES, K., CALAFAT, A., JUAN, M., RAMON, A., RODRIGUEZ, J., MENDES, F., SCHNITZER, S. & PHILLIPS-HOWARD, P. Sexual uses of alcohol and drugs and the associated health risks: A cross sectional study of young people in nine European cities. *BMC Public Health*, 8:155, 1-11. doi:10.1186/1471-2458-8-155, 2008.
- BENOTSCH, E., NETTLES, C., WONG, F., REDMANN, J., BOSCHINI, J., PINKERTON, S., RAGSDALE, K. & MIKYTUCK, J. Sexual risk behavior in men attending mardi gras celebrations in New Orleans, Louisiana. *Journal of Community Health*, 32(5), 343-356. doi:10.1007/s10900-007-9054-8, 2007.
- BROWN, L. The transformative power of the international sojourn: an ethnographic study of the international student experience. *Annals of Tourism Research*, 36(3), 502-521. doi: 10.1016/j.annals.2009.03.002, 2009.
- CARR, N. & PORIA, Y. Introduction: Provision, Marketing and Consumption of Sex and the Sexual in the Leisure and Tourism Environment. In N. CARR & Y. PORIA (Eds.), *Sex and the Sexual During People's Leisure and Tourism Experiences* (pp. 1-16). Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2010.
- COHEN, E. Tourism and AIDS in Thailand. *Annals of Tourism Research*, 15, 467-486. doi:10.1016/0160-7383(88)90044-8, 1988.
- COHEN, E. Thai girls and Farang men: the edge of ambiguity. *Annals of Tourism Research*, 9, 403-428. doi:10.1016/0160-7383(82)90021-4, 1982.
- CARTER, S. & CLIFT, S. Tourism, international travel and sex: themes and research. In S. Clift & S. Carter (Eds.), *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion* (pp. 1-19). London: Pinter, 2000.
- DAHLES, H. & BRAS, K. Entrepreneurs in romance: tourism in Indonesia. *Annals of Tourism Research*, 26(2), 267-293. doi:10.1016/S0160-7383(98)00098-X, 1999.
- DAVIDSON, J. *Prostitution, power and freedom*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1998.
- DAVIDSON, J. Sex tourism in Cuba. *Race & Class*, 38(1), 39-48. doi:10.1177/030639689603800103, 1996.
- DE ALBUQUERQUE, K. Sex, beach boys and female tourists in the Caribbean. In B. M. Dank & R. Refinetti (Eds.), *Sexuality and Culture* (pp. 87-111). New Jersey: New Brunswinck, 1998.
- FISHER, T., Davis, C., Yarber, W. & Davis, S. (Eds.) *Handbook of Sexuality-Related Measures*. 3rd Ed. New York: Routledge, 2011.
- FRANKLIN, A. *Tourism: An Introduction*. Londres: Sage, 2003.
- GRABURN, N. Tourism: The Sacred Journey. In V. L. Smith (Ed.), *Hosts and Guest. The Anthropology of Tourism* (pp. 21-36). Philadelphia: University of Pensilvania Press, 1989.
- HALL, C. Sex tourism in Southeast Asia. In D. Harrison (Ed.), *Tourism and the less developed countries* (pp. 65-74). London: Belhaven Press, 1992.
- HEROLD, E., Garcia, R., & DeMoya, T. Female tourists and beach boys: romance or sex tourism? *Annals of Tourism Research*, 28(4), 978-997. doi:10.1016/S0160-7383(01)00003-2, 2001.
- INE - *Anuário estatístico da região do Algarve*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P., 2012.
- JAFARI, J. Tourism models: the sociocultural aspects. *Tourism Management*, 8(2), 151-159. doi:10.1016/0261-5177(87)90023-9, 1987.
- JEFFREYS, S. Sex tourism: do women do it too? *Leisure Studies*, 22(3), 223-238. doi:10.1080/026143603200075452, 2003.
- LANÇA, M. *Sexualidade Lúdica em Contexto Turístico: O Caso da Concentração Motard de Faro*. Dissertação de Mestrado. Faro: Universidade do Algarve. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10400.1/3095>, 2012
- LANÇA, M., MARQUES, J. F. & Valle, P. Structural Equation Modeling Applied to Sex, Romance and Liminal Behaviour in Tourism Context. The Case of the Faro International Bike Meeting. *Spatial and Organizational Dynamics - Discussion Papers*, (13), 73-87. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10400.1/4594>, 2014.
- LETT, J. Ludic and liminoid aspects of charter yacht tourism in the Caribbean. *Annals of Tourism Research*, 10(1), 35-56. doi:10.1016/0160-7383(83)90114-7, 1983.
- LEUNG, P. Sex tourism: the case of Cambodia. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 181-193). New York: The Haworth Hospitality Press, 2003.
- LITTLEWOOD, I. *Sultry Climates: Travel and Sex Since the Grand Tour*. London: John Murray, 2001.
- MARQUES, J. F. Sun, sand, sea and sex. In *Encyclopedia of Tourism*. Springer. (Forthcoming), 2016.
- MCKERCHER, B. & BAUER, T. Conceptual Framework of the Nexus Between Tourism, Romance and Sex. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 3-18). New York: The Haworth Hospitality Press, 2003.
- MEMISH, Z. & OSOBA, A. International travel and sexually transmitted diseases. *Travel Medicine and Infectious Disease*, 4(2), 86-93. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.tmaid.2005.01.003>, 2005.
- MICHAUD, Y. Préface. In Cl. Origet du Cuzeau (Dir.), *Amours et Tourisme* (pp. 9-15). Paris: L'Harmattan, 2013.
- MONTGOMERY, H. Buying Innocence: child-sex tourists in Thailand. *Third World Quarterly*, 29(5), 903-917. doi:10.1080/01436590802106023, 2008.
- OPPERMANN, M. Sex tourism. *Annals of Tourism Research*, 26(2), 251-266. doi:10.1016/S0160-7383(98)00081-4, 1999.
- OPPERMANN, M. *Sex tourism and prostitution: aspects of leisure, recreation, and work*. New York: Cognizant Communication Corporation, 1998.

- PISCITELLI, A. Tropical sex in a European country: Brazilian women's migration to Italy in the frame of international sex touris. *Revista de Estudos Feministas*, 15(3). Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300014>, 2008.
- PISCITELLI, A. Shifting Boundaries: Sex and Money in the North-East of Brazil. *Sexualities*, 10(4), 489–500. doi:10.1177/1363460707080986, 2007.
- PRUITT, D.; LaFont, S. For love and money. Romance Tourism in Jamaica. *Annals of Tourism Research*, 22(2), 422–440. doi:10.1016/0160-7383(94)00084-0, 1995.
- RAO, N. The dark side of tourism and sexuality: trafficking of Nepali girls for Indian brothels. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 155-165). New York: The Haworth Hospitality Press, 2003.
- RAO, N. Sex tourism in South Asia. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 11(2/3), 96–99. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1108/09596119910250940>, 1999.
- REDMON, D. Playful deviance as an urban leisure activity: secret selves, self-validation and entertaining performance. *Deviant Behavior*, 24, 27–51. doi:10.1080/01639620390117174, 2003.
- RYAN, C. Sex Tourism: Paradigms of Confusion? In S. Clift & S. Carter (Eds.) *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coersion* (pp. 23-40). London: Pinter, 2000.
- RYAN, C. & Hall, M. *Sex Tourism. Marginal People and Liminalities*. London: Routledge, 2001.
- RYAN, C. & Kinder, R. Sex, tourism and sex tourism: fulfilling similar needs? *Tourism Management*, 17(7), 507-518. doi:10.1016/S0261-5177(96)00068-4, 1996.
- SACRAMENTO, O. *Atlântico passionai: mobilidades e configurações transnacionais de intimidade euro-brasileiras*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10071/8790>, 2014.
- SACRAMENTO, O. & Ribeiro, F. A ilusão da conquista: sexo, amor e interesse entre gringos e garotas em Natal (Brasil-RN), *CRONOS-Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN*, 7(1), 161-172. Retrieved from: <http://www.cetrad.info/?action=documentos/viewDocument&id=55>, 2007.
- SANCHEZ-TAYLOR, J. Female sex tourism. A contradiction in terms? *Feminist Review*, 83, 42-59. Retrieved from: <http://www.jstor.org/stable/3874382>, 2006.
- SANCHEZ-TAYLOR, J. Dollars are a girl's best friend? Female tourists' sexual behaviour in the Caribbean. *Sociology*, 35(3), 749–764. doi:10.1177/S0038038501000384, 2001.
- SANCHEZ-TAYLOR, J. S. Tourism and “embodied” commodities: Sex tourism in the Caribbean. In S. Clift & S. Carter (Eds.), *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion* (pp. 41–53). London: Pinter, 2000.
- SELÄNNIEMI, T. On holiday in the Liminoid Playground: Place, Time and Self in Tourism. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 19–42). New York: The Haworth Hospitality Press, 2003.
- STERNBERG, E. The iconography of the tourism experience. *Annals of Tourism Research*, 24(4), 951–969. doi:10.1016/S0160-7383(97)00053-4, 1997.
- TURNER, V. *Dramas, Fields & Metaphors. Symbolic Action in Human Societies*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1974a.
- TURNER, V. *O Processo Ritual. Estrutura e Anti-Estrutura*. Persépolis: Vozes, 1974b.
- TRUONG, T. *Sex, money and morality: prostitution and tourism in Southeast Asia*. London: Zed Books, 1990.
- URRY, J. *The Tourist Gaze* (2nd Ed.). London: SAGE Publications, 2002.
- VAN GENNEP, A. (1960 [1909]). *The Rites of Passage*. Chicago: University of Chicago Press.
- WAGNER, U. Out of Time and Place: Mass Tourism and Charter Trips. *Ethnos*, 42(1-2), 38–52. doi:10.1080/00141844.1977.9981130, 1977.
- WEICHSELBAUMER, D. Sex, romance and the carnivalesque between female tourists and Caribbean men. *Tourism Management*, 33(5), 1220-1229. doi:10.1016/j.tourman.2011.11.009, 2012.
- WEIS, D. The Need to Integrate Sexual Theory and Research. In M. Wiederman & B. Whitley (Eds.), *Handbook for Conducting Research on Human Sexuality*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, 2002.
- WEITMAN, S. On the Elementary Forms of the Socioerotic Life. *Theory, Culture & Society*, 15(3), 71–110. doi:10.1177/0263276498015003005, 1998.
- WICKENS, E. Licensed for thrill: risk-taking and tourism. In S. Clift & P. Gabowski (Eds), *Tourism and Health* (pp. 151–164). London: Printer, 1997.
- WIEDERMAN, M. & WHITLEY, B. (Eds.) *Handbook for Conducting Research on Human Sexuality*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publisher, 2002.

Processo Editorial / Editorial Process

Editor Chefe/Editor-in-chief: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF)

Editor Científico / Scientific Editor: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF)

Editores de Seção Convidados/ Guest Section Editors: Magnus L. Emmendoerfer (UFV, Brasil) & Vânia N. G. Costa (IPCA, Portugal)

Recebido em 21 de junho de 2016; aceito em 09 de agosto de 2016; publicado online 30 de setembro de 2016.

Received on June 21, 2016; accepted August 09, 2016, published online September 30, 2016.

Artigo original de pesquisa/ Original research article. Seção revisada por pares / Double blind review section.

ⁱ Agradecimentos: Este artigo é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia âmbito do projeto UID/SOC/04020/2013 / Acknowledgements: This paper is financed by National Funds provided by FCT- Foundation for Science and Technology through project UID/SOC/04020/2013.